

Choque é inevitável, já prevê Rosenberg

60 Con Brand

JORNAL DE BRASÍLIA 29 AGO 1991

São Paulo — Um novo choque sobre a economia brasileira é inevitável e não deve passar de outubro. A previsão é do economista Luiz Paulo Rosenberg, um dos conferencistas que participaram, ontem, do seminário patrocinado pelo Banco Mercantil do Recife. “Já temos muita inflação acumulada e, mesmo que o governo consiga mantê-la em 18% ao mês, certamente lançará mão desse instrumento”, afirmou. Seu figurino não deverá escapar da receita já conhecida dos brasileiros: congelamento de preços, desindexação de preços e salários, tarifaço e engessamento do câmbio. “A prescrição dessa receita é semelhante à traqueotomia: o médico faz para auxiliar a respiração do paciente, ainda que com bisturi infectado”.

A inflação deste mês, estima Rosenberg, deve ficar ao redor de 14%, subindo para 17% em setembro. Como é pouco provável sua elevação em apenas um ponto percentual em outubro, o choque não passaria desse mês, de acordo com o raciocínio do economista, que participou do governo Sarney. Para ele, o governo cometeu um grande equívoco ao manejar a política monetária a reboque das expectativas da sociedade. “Ou a sociedade se convence de que o Francisco Gros (presidente do Banco Central) é macho, ou a inflação explode”, disse Rosenberg à plateia. “Ninguém brincava com o Ibrahim (Ibrahim Eris, ex-presidente do BC), porque sabia que se daria mal”.

Na verdade, a primeira trombada do governo com os fatos, na

opinião do economista, aconteceu em julho, mês em que a inflação surpreendeu a equipe de Marcílio Marques Moreira. “A percepção de que o governo não tinha controle sobre a economia resultou em sensação de orfandade”, afirmou. Pouco depois, a divulgação do Emendão, trouxe consigo uma bomba relógio: a afirmação de que o choque seria inevitável se a alta dos preços chegasse a 20% ao mês. “Com isso, ficou pronta a receita da histeria”.

A exaltação dos ânimos, contudo, não recoloca a hiperinflação na ordem do dia da economia brasileira. Se o governo agir com sensatez e souber aproveitar o patente desaquecimento nas vendas de produtos duráveis, algo que segundo Rosenberg tornou-se evidente a partir da segunda quinzena deste mês com as promoções que estão nas lojas, e a queda no movimento dos supermercados, que se ressentiram do impacto dos preços agrícolas, há ainda possibilidade de manter a inflação em 17%.

A iminência do choque, no entanto, não será desativada pela diferença de um ponto percentual. Parece que dele, o Brasil não escapa outra vez. “Só aqui e na Argentina discutem-se alternativas à receita tradicional. Por causa de uma inflação de 150% ao ano, o México está tomando todos os remédios amargos que o receituário prescreve há quase quatro anos”, disse Rosenberg. “No Brasil, o máximo que se agüenta são seis meses. Não será possível mudar o discurso enquanto essa realidade não for encarada de frente”.